

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS FORMAIS DA LINGUAGEM E AS TEMÁTICAS NO CONTO “DECLARAÇÃO”, DE MARCELINO FREIRE

Rosembergh da Silva Alves¹
Wanderlan da Silva Alves²

RESUMO

Este artigo é o recorte de uma pesquisa de Mestrado e tem como objetivo trazer algumas considerações sobre os aspectos formais da linguagem e as temáticas presentes no conto “Declaração”, da coletânea *Amar é crime* de Marcelino Freire. Para subsidiar as discussões, recorre-se à classificação de Brooks e Warren para os sistemas básicos de foco narrativo, tratados por Carvalho (2012), a fim de categorizar as focalizações no conto, que podem estar imbricadas às temáticas. A análise do conto também está amparada pelos aportes teóricos fundamentados por Leite (2002) e Tenfen (2008), os quais exploram algumas categorizações de foco narrativo. O conto traz como pano de fundo a relação homoafetiva entre professora e aluna, a configuração do crime e o julgamento da sociedade, além de abordar as frágeis relações familiares. A narrativa se constrói basicamente em terceira e em primeira pessoa, observando-se também a estratégia tácita do autor implícito, principalmente no uso de frases soltas, pensamentos e devaneios, utilizando-se das personagens e da composição da estrutura narrativa para expor ideias e concepções. Os aspectos formais da linguagem confirmam o quanto as temáticas são problemáticas e que elas transitam paralelamente aos focos narrativos, que também se confundem e por meio de falas e vozes que se atropelam e interrompem a narração, percebe-se que não há um direcionamento ou uma única voz na narrativa, e sim uma combinação do posicionamento do narrador que conta a história à fala da protagonista e de outras personagens.

Palavras-chave: Conto, Foco narrativo, Marcelino Freire.

INTRODUÇÃO

A fortuna crítica existente sobre a contística de Marcelino Freire centrou-se até o momento em algumas questões temáticas e seus desdobramentos, a saber: os preconceitos e as tensões sociais, os sujeitos *queer*, o universo LGBTQ+ e a violência e suas diversas faces. De tal modo, este artigo tem como objetivo trazer algumas considerações sobre os aspectos formais da linguagem e as temáticas presentes no conto “Declaração”, da coletânea *Amar é crime*.

¹Mestrando do Curso de Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rosembergh.alves@aluno.uepb.edu.br

²Orientador, Professor Adjunto da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, wanderlan.alves@servidor.uepb.edu.br

Percebe-se na produção do autor pernambucano uma opção por representar temáticas que se constituem como um incômodo moral e social, a exemplo: a prostituição, a velhice, os crimes passionais, as sexualidades transgressoras e socialmente condenáveis, além do preconceito e da discriminação com o que é diferente, conforme trata Inácio (2012).

Amar é crime apresenta personagens que vivem à mercê da miséria e degradação, reivindicando o que lhes foi retirado pela sociedade opressora. Contudo, os corpos marginalizados e materializados na obra de Freire produzem sentidos que inserem os indivíduos no seu espaço social e cultural, por mais subalternizados que sejam estes lugares ocupados. Fator percebido no conto “Declaração”, em que o amor lésbico e pedófilo, vivido entre professora e aluna, ilustra elementos que estão dispostos através da motivação pelo afeto, efetivando-se o amor inscrito na esfera do crime, conferido no fragmento que segue: “A professora não chegou assim: como se ela fosse de plástico. Deu a ela arrepios. E uma vontade madura. Prematura. Minha mãe que denunciou. Flagrou os coraçõezinhos no caderno” (FREIRE, 2015, p. 108). A adolescente sai da posição de vítima de um crime cometido pela professora de maior idade, e toma posse da sua vida, afirmando-se como dona de seu destino para confrontar a família pela denúncia realizada. No ímpeto de encontrar sua amada, a menina planeja entrar no presídio e durante o tempo da espera, para contrariar a expectativas de todos que tentaram interferir no seu relacionamento, se envolve com outras garotas para provocar e chamar a atenção dos pais, protagonizando e projetando situações contrárias às esperadas pelas demais personagens.

Essa relação homoafetiva entre professora e aluna, a configuração do crime e o julgamento da sociedade são apenas situações contextuais para a construção de um conto em que a multiplicidade de vozes narrativas ecoa e se mistura, estratégia narratológica utilizada pelo escritor para expor ideias e concepções sobre temáticas e inquietações que transitam com os focos narrativos. Esses aspectos formais da linguagem se confundem com os temas e por meio de falas e vozes que se atropelam e interrompem a narração, percebe-se que não há uma única voz na narrativa, e sim uma combinação do posicionamento do narrador que conta a história, a fala da protagonista e de outras personagens, utilizando-se também de frases soltas, pensamentos e devaneios, que destacam questões urgentes e trazem discussões e reflexões sobre o conto, para que o leitor deixe a zona de conforto, pondere e realize um itinerário crítico sobre a narrativa.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

A metodologia para a composição deste artigo compreende um estudo baseado em pesquisas bibliográficas, leituras e interpretações, com o propósito de lançar um olhar por meio de algumas considerações sobre os aspectos formais da linguagem e as temáticas no conto “Declaração”, de Marcelino Freire.

Para subsidiar os resultados e discussões a partir das considerações sobre os aspectos formais da linguagem e os temas no conto “Declaração”, recorre-se à classificação de Brooks e Warren para os sistemas básicos de foco narrativo, tratados por Carvalho (2012), a fim de categorizar as focalizações no conto imbricadas às temáticas. A análise do conto também está amparada pelos aportes teóricos fundamentados por Leite (2002) e Tenfen (2008), os quais exploram o autor implícito e outras categorizações de foco narrativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O conto “Declaração” traz como pano de fundo uma relação homoafetiva, um crime, o julgamento da sociedade e uma condenação diante desse relacionamento, além de abordar os frágeis vínculos familiares. A homossexualidade feminina é um dos motivos dramáticos, mas não é o principal, merecendo destaque a análise estrutural do conto, levando também o leitor a refletir sobre qual ou quais são as possíveis declarações verificadas na narrativa a partir do título “Declaração”, que dá nome ao conto. A relação homossexual entre duas mulheres, os problemas familiares e sociais observados no conto se tornam temas transversais, que podem provocar discussões e debates entre os leitores ou inquietação para a escrita de artigos científicos por pesquisadores e estudiosos, produzindo uma crítica sobre essa narrativa. A escrita do conto em si mesma absorveu os temas abordados na narrativa, sendo mais evidente a sua forma, a estrutura e os procedimentos literários utilizados pelo autor.

A menina inicia a narrativa se referindo aos seus pais. Primeiramente, ela como narradora, se utiliza da fala da mãe para descrever as percepções da progenitora sobre a filha. Depois, retoma a fala e menciona negativamente a figura do pai. O conto envolve a narração em primeira pessoa, com a protagonista também sendo a narradora da história, e em dados momentos o conto é narrado por outras vozes, não havendo um único foco narrativo. Surge a fala da mãe da estudante, iniciando o conto em terceira pessoa pela personagem-protagonista-narradora: “Você não sabe viver. Não entende o que é o amor. É muito nova, minha filha, um bebê, minha flor” (FREIRE, 2015, p.105). Logo, percebe-se que o discurso da mãe está sendo mencionado em voz alta pela própria menina. A partir daí, os focos se misturam, surgindo a narrativa em primeira pessoa, pois, pelo que foi dito pela mãe, a menina traz à tona os problemas

familiares, como a ausência do pai e seu hábito de tomar cachaça: “Onde está agora o meu pai? [...] Ele gosta de tomar pinga” (*idem*, p.105). Após, o foco narrativo retorna ao relato da mãe, depois um pensamento e à fala do juiz de Direito que julgou o caso.

O conto expõe o que é invisibilizado pela sociedade, o amor entre duas mulheres de idades diferentes – a aluna e a professora – e este fato por si só já é um complicador na narrativa. Também, não fica claro se a estudante entendia o ser lésbica (e não bissexual ou curiosa) e começa a enfrentar e confrontar a família e a sociedade pelo seu amor, causando reações diversas nas demais personagens. A estudante parecia não se importar em tornar o relacionamento público por meio ações e reações, mesmo reconhecendo o preconceito e a hipocrisia presentes na família e na sociedade. E não tinha medo de ser hostilizada ou agredida, pois o sentimento por sua professora a tornava forte. A adolescente de 13 anos, começa a narrar detalhes do relacionamento com a professora, como o fato de terem descoberto que elas saíam juntas, e na casa da docente após ler história para ela, elas dormiam juntas à tarde, se relacionavam sexualmente e depois a professora dava banho nela. A estudante relata também que na escola a professora não misturava a intimidade com o profissionalismo, pois: “Dava zero, se fosse o caso. Dez, na hora dos beijos” (*ibidem*, p.106). Em seguida à exposição sobre a relação íntima, a menina menciona um psicólogo e o que o profissional achou sobre ela. Depois, ela se volta a seus pensamentos e mantém-se reclusa no silêncio. E assim, a narrativa se constrói o tempo todo em terceira e em primeira pessoa, misturando-se os focos narrativos, percebendo-se também a estratégia tácita do autor implícito, principalmente na utilização de frases soltas, pensamentos e devaneios, utilizando-se das personagens e da composição da estrutura narrativa para expor ideias e concepções através de uma categoria narratológica.

Os aspectos da linguagem presentes no conto são fundamentados a partir das reflexões realizadas pelo escritor anglo-americano Henry James em seus prefácios (final do século XIX e o início do XX), aportes estes retomados por Leite que discorre sobre as principais ideias do crítico mais especificamente ao narrador e ao foco narrativo, como a defesa de um ponto de vista único, a sua antipatia pelas interferências que comentam e julgam e pelas digressões que desviam o leitor da história. Além disso, James atacava a narrativa em primeira pessoa:

O ideal, para James, e que passa a ser o ideal para muitos teóricos a partir dele, é a presença discreta de um narrador que, por meio do contar e do mostrar equilibrados, possa dar a impressão ao leitor de que a história se conta a si própria, de preferência, alojando-se na mente de uma personagem que faça o papel de REFLETOR de suas ideias. Uma espécie de centro organizador da percepção, que tenha uma rica sensibilidade, uma inteligência penetrante, para a expressão da qual têm de ser trabalhados coerentemente os outros elementos da narrativa: da linguagem ao ambiente em que se movimentam as personagens (LEITE, 2002, p. 14).

Como aponta Leite, a estratégia utilizada por James seria a ideal em nome da verossimilhança. Para James e muitos teóricos a partir dele, essas características que direcionam a um ente com função principal de refletor de ideias dão-se a partir do desaparecimento estratégico do narrador, disfarçado numa terceira pessoa que se confunde com a primeira. Por esse motivo, há várias vozes tentando se comunicar e que ao mesmo tempo se complementam, tornando a narrativa complexa pela perspectiva do ponto de vista. Conforme Carvalho (2012), o foco narrativo além de sugerir o direcionamento da visão do narrador, indica a marca deixada por ele, posicionando-se e interferindo na narrativa, e em muitas ocasiões, influenciando o leitor. Observa-se no conto a estratégia já mencionada do autor implícito, que não desaparece, mas se mascara constantemente, atrás de uma personagem ou de uma voz narrativa que o representa. Essa perspectiva do autor implícito pode ser demonstrada também por uma voz no foco narrativo que levanta a problemática do alcoolismo do pai da protagonista, com atos de maus-tratos envolvendo o núcleo desse conto, enquadrando-se como violência intrafamiliar.

Para subsidiar as discussões, a fim de categorizar as focalizações no conto, que podem estar imbricadas às temáticas, segundo a classificação de Cleanth Brooks e R.P. Warren, de acordo com os sistemas básicos de foco narrativo, tratados por Carvalho (2012), o conto “Declaração” pode ser inserido em duas categorizações distintas, porém unidas e dependentes. Uma bem mais simples e clara, em que a personagem principal conta a sua própria história, chamada de “narrador-protagonista”. Outra característica marcante neste tipo de foco narrativo é a narrativa em primeira pessoa. Nesta modalidade, o narrador-protagonista manifesta traços subjetivos, tendo em vista o seu envolvimento emocional mediante o desenrolar dos fatos. O outro ponto de vista é o do autor onisciente ou analítico, que penetra na mente das personagens e desvenda os seus pensamentos e sentimentos, correspondente às narrativas em terceira pessoa. Como as vozes se misturam e se confundem o tempo todo no conto, ocorre o entrelaçamento dessas duas categorizações de foco narrativo. Ainda sobre o autor onisciente, ele pode assumir atitudes ante às personagens e aos fatos externos. Contudo, nesta narrativa, o autor analítico não só relata os acontecimentos, como também faz comentários sobre eles, demonstrando uma onisciência crítica ou interpretativa.

Fazendo uso da classificação de Brooks e Warren, observa-se que o autor onisciente pode ter a sua onisciência limitada à mente da personagem principal, sendo as “outras pessoas apresentadas objetivamente, isto é, como se o fossem pelo método do autor-observador”, acrescentando que essa é a situação usual nas narrativas curtas, em que não há tempo para a apresentação dos processos mentais de vários personagens, como no caso do conto “Declaração”. Destaca-se aqui, a forma dada ao conto, pois o autor escreveu sem regras,

tornando-o confuso em alguns momentos, havendo confluência e divergência entre os focos e os temas desenvolvidos na narrativa. O uso da forma vem confirmar o que o autor quer mostrar ao leitor: o quanto as temáticas abordadas estão imbricadas aos focos narrativos, misturando-se às discussões. O foco narrativo parece estar direcionado para todos os lados, pois, aparece o narrador em primeira e em terceira pessoa, sendo assim, uma combinação da fala do narrador que conta a história, com o discurso da menina e das pessoas com quem ela se relaciona na narrativa. As falas não têm sinalização, como o travessão, sinal de pontuação comum em diálogos. Sendo assim, essas falas e vozes se atropelam e interrompem o tempo todo os pensamentos, os discursos e a narração.

A voz da mãe na narrativa é retomada, quando é aludida trazendo a condenação da professora também pelos dogmas entidade social igreja: “você, minha filha, precisa saber quando o Diabo ganha formas outras. Aproveita-se da fraqueza da alma” (FREIRE, 2015, p.106). O discurso da mãe completa o seu julgamento proferindo que a professora pode ser perdoada pelos homens, subentendendo-se que ela aprenderá pela justiça divina. Mas tudo isso ocorre porque ninguém a ouve, em momento algum da narrativa, apenas seguem o que preconiza a lei. O mesmo acontece como a professora, que não tem voz e nem consegue argumentar em sua defesa na narrativa. O fato de ela ser menor de idade e adolescente, implica em não ter voz, é como se ela não ouvisse, não falasse e, também não pesasse sua opinião sobre o que acontecesse na sua vida, em que a sociedade decide por ela. Há ainda a escuta fantasiosa da boneca e o amigo gay, que também a julga. O fato de ser menor de idade a faz incapaz, e o tratamento dado à menina é o de cidadão de segunda classe, pois, sequer é ouvida no julgamento da professora ou até mesmo pelos pais, sabendo-se que houve consentimento no envolvimento afetivo e consumação do ato sexual.

Conforme o advogado mencionado no conto, independente do desejo da adolescente em manter o relacionamento com a professora e ter se deixado envolver nesse romance, o “Consentimento do menor é irrelevante” (*idem*, p.108). Apesar de a menina ter quisto se envolver afetivamente e sexualmente com a professora, a relação profissional se prolongou para o privado. Sendo assim, durante o processo contra a professora e o julgamento, o juiz alegou que houve abuso sexual, agravando a pena. A adolescente silenciada, não foi ouvida, nem como vítima, nem como testemunha, apesar de todas as alegações, mesmo após confirmar o consentimento aos atos e a reciprocidade aos sentimentos da docente. A garota, considerada uma cidadã de segunda classe por toda opressão legal e cultural que recai sobre uma mulher menor de idade, tentava declarar a todos os seus sentimentos: ao juiz, aos seus pais, ao psicólogo, ao advogado, aos seus amigos, enfim, à sociedade; mas não adiantava, pois não era

escutada. O fato de ser menor de idade a fazia incapaz de opinar e dar seu parecer, não tendo voz ativa e poder de expressão sobre o relacionamento com a professora. Como a própria adolescente proferiu, enquanto armava um jeito de ir à prisão resgatar seu coração: “Fui morar no silêncio. [...] Eu amo, sim. Eu sei muito bem o que eu quero” (*ibidem*, p.106). E o que ela queria era gritar, ‘declarar’ para todos ouvirem o seu amor. Elas só queriam ser felizes, mesmo sendo um amor criminoso, pois, culminou na condenação da professora. Ao apresentar esse conto, fica evidente o processo de silenciamento das mulheres exposto por Freire, reafirmado pelo apagamento do gênero feminino, reproduzindo-se a misoginia reforçada pela sociedade patriarcal. E, por se tratar de mulheres lésbicas, essas violências carregam traços de lesbofobia.

Em um dado momento, a menina pensa em suicídio, referindo-se ao uso de remédios para solução dos seus problemas: “E com o tempo, ele, o melhor remédio. [...] Remédio. Um frasco de comprimidos” (FREIRE, 2015, p.107). Volta, então, a voz do autor implícito, mencionando que se a menina morresse não poderia ver a cara de todo mundo quando crescesse e fosse visitar ‘o amor da sua vida’. Nessa altura da narrativa, há uma confluência entre as vozes do autor implícito e a da menina, em primeira pessoa, afirmando de forma enfática que iria visitar a professora no presídio: “Irei hoje, já. Acho que tem um jeito, escondido, de entrar no presídio. A visita é todo domingo” (*idem*, p.107). Como pontua Tenfen (2008), o autor implícito não corresponde efetivamente ao autor real, ou seja, à pessoa física que escreve a história. O autor implícito é quem comanda a caracterização das personagens, a escolha dos espaços, a velocidade dos acontecimentos, a incidência dos diálogos, a escolha do ponto de vista e tudo o que dá vida à trama. No que envolve o foco narrativo, a ficção se faz daquilo que os narradores veem e daquilo que não veem. Contudo, o dono dessa visão é o autor implícito. É ele quem escolhe o que e como deve ser visto, detendo uma visão que está acima da visão limitada de todos os narradores reunidos. Esse aspecto do autor implícito posicionando-se na narrativa através das falas e ações do narrador, de outras personagens e até mesmo do próprio foco narrativo é demonstrado pelo trecho: “Desde que essa tragédia aconteceu, a menina vive pelos cantos. Já, já um namorado aparece. E ela esquece. Eu não esqueço. Cada dia a menininha mais murcha. [...] Teve de mudar de sala, turma, rua” (FREIRE, 2015, p.109).

Para Leite (2002), do jogo de distâncias que se instaura entre o autor implícito, o narrador e as personagens, sai preservada a função crítica do autor implícito na criação de um "universo ficcional" e na sua comunicação ao leitor. Assim, o autor implícito é uma imagem do autor real criada pela escrita, e é ele quem comanda os movimentos do narrador, das personagens, dos acontecimentos narrados, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da

linguagem em que se narram indiretamente os fatos ou em que se expressam diretamente as personagens envolvidas na história. É nesta perspectiva, que a narrativa ficcional é materializada, unindo "visão e cegueira". O que o narrador vê e deixa de ver está subordinado a "uma visão mais extensa e dominadora". Essa perspectiva do autor implícito posicionando-se no conto através das falas, pensamentos e ações do narrador pode ser demonstrada pelo fragmento: "Havia músicos. E uns vinte personagens. A peça era uma homenagem a Monteiro Lobato. Não seria o caso de um outro texto, mais adulto? Isso não é presídio infantil. Era, de alguma forma" (FREIRE, 2015, p.111).

Outra consideração ainda sobre o jogo do escritor com a linguagem está no título do conto, "Declaração", relacionado principalmente à vontade da menina em gritar o seu amor pela professora, pois, durante a história a garota só fala porque se posiciona na narrativa. Esse grito ficou preso em sua garganta por praticamente todo o conto, culminando no momento final, quando a adolescente consegue entrar no presídio e se declarar para a sua amada perante os outros, após esperar "meses passados fora de si", sem carinho e sem afeto. Complementando aqui, que a declaração trazida no título do conto, pode também ter uma conexão não só com o brado guardado da adolescente, mas com a sentença da condenação da professora. No conto, a justiça e a sociedade declaram a criminalização do amor e condenam a professora segundo a legislação brasileira, e a garota almeja declarar o seu amor à professora diante dessa mesma sociedade que julgou e censurou a relação homoafetiva.

Retomando à narrativa, a ideia fixa da menina de ir ao presídio visitar a professora continua, e ela se questiona como vai fazer para entrar lá. A estudante pergunta ao vizinho homossexual, o único amigo a ficar do seu lado, uma forma de adentrar na cadeia, pedindo para ele levá-la. A menina ainda inconformada com a prisão da professora, arquiteta um plano para visitá-la na prisão, afirmando que ama a mentora, que quer ser feliz, dizendo saber o que quer. Neste momento da narrativa percebe-se que a estudante não falava sozinha ou devaneava. Ela conversava com uma boneca, demonstrando ainda inocência e ingenuidade, e, também, uma indignação em relação à Deus: "Abandonou todas as bonecas, menos esta. Com quem conversava. Desde que Deus, eu juro, me abandonou" (FREIRE, 2015, p.106). Após a ideia de visitar a professora no presídio, há uma voz no foco narrativo que volta a levantar a problemática do alcoolismo do pai, denunciando que quando o homem bebe ele agride a mulher, ignora a presença da filha e ainda rouba as economias do caçula. A voz de indignação que questiona a atitude violenta e covarde do pai e a omissão da justiça neste caso, já passa a ser da menina: "Por que não prendem ele quando bate na minha mãe? Ou quando rouba as moedas do meu irmãozinho?" (*idem*, p.107).

A fala indagativa da estudante, “Se eu matar o meu pai serei presa? Responderei pelo crime?” (FREIRE, 2015, p.109), é o reflexo dos altos custos emocionais ao núcleo familiar, frente à exposição como vítima ou testemunha à violência intrafamiliar. Para a estudante, a figura do pai não era vista como um herói ou exemplo positivo, pois, a omissão, o desinteresse e as atitudes covardes e inescrupulosas do pai, só aumentavam a mágoa da menina pelo seu genitor, distanciando-os. Esse prejuízo à relação familiar foi influenciado pelo sentimento de abandono, desrespeito e raiva pelo pai ausente (seja de forma física ou emocional), fazendo-a desejar a sua morte, e a questionar a dedicação e a resiliência da mãe e os desígnios divinos, mesmo após a notícia dada pela genitora: “Minha filha, seu pai sofreu um ataque do coração. Estava na hora de morrer. É amor a lágrima da minha mãe? Cadê que Deus não leva de vez esse nojento? Legislação divina. Eu não tenho pena” (*idem*, p.110). A ocorrência de abusos e agressões no âmbito das relações familiares, independente do lugar que ocupa a vítima ou o autor da violência nesta família, possibilita problematizar os valores hegemônicos da cultura patriarcal nessas relações.

O autor traz à tona através da voz abafada da protagonista, os defeitos e as fraquezas da sociedade. O testemunho no conto nasce de um anseio subjetivo e que expressa situações vivenciadas por um coletivo, revelando, portanto, o cenário que compõe a vida contemporânea em sociedade. As experiências dos seus personagens-testemunhas são comunicadas a partir de uma linguagem que beira a oralidade vinda das ruas para dentro do texto escrito. O relato testemunhal dos personagens-excluídos de Freire nos permite enxergar a realidade vivenciada por eles e que apontam para uma visão realista e literariamente relacionada ao contemporâneo. As personagens aqui tratadas, transitam em um contexto urbano marcado por desigualdades sociais, hostilidade, vulnerabilidade e violência, situações vivenciadas de diferentes maneiras. Essa fragilidade também é observada considerando os aspectos formais do texto, em que o autor faz uso de marcas de fragmentação no conto, da mistura de vozes do discurso e da presença de um ou mais narradores, apropriando-se também da figura do autor implícito, evidenciando ainda mais as situações-problema vividas pelas personagens, proporcionando no leitor sensações de incômodo e reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto, como forma polissêmica e polifônica, permite amparar diversos discursos críticos, significados e vozes, onde qualquer recorte supõe escolhas. Sendo assim, a relação homossexual entre duas mulheres, o principal complicador dessa narrativa, além dos problemas

familiares e sociais observados no conto “Declaração” se tornam temas transversais, visto que a escrita em si mesma os absorveu, ficando evidente a singularidade da forma, onde a manipulação do foco narrativo desenvolve os temas e enriquece a narrativa. Utilizando-se da função paterna como contraponto temático, o autor apresenta a falta de amor e de atenção do pai pela família, e ao mesmo tempo reflete o amor entre professora e aluna, por meio do julgamento social sobre a relação homoafetiva, ignorando os outros crimes, como: a negligência dos pais, o abandono de incapaz, a agressão familiar e o alcoolismo, os quais não são questionados ou tratados juridicamente, mas são expostos na pluralidade de focos narrativos, demonstrando o descaso e a hipocrisia da sociedade heteronormativa.

O procedimento literário que cria um tecido intrincado do tema com os aspectos formais da linguagem na narrativa também mostra a ‘declaração’ das intenções e abordagens da técnica empregada por Marcelino Freire, cujo grito e protesto através de personagens e narradores levam os leitores a refletirem a respeito de uma sociedade. Deste modo, os leitores podem vir a questionar a lei, que julgou e puniu o amor, criminalizando-o, e que, no entanto, não puniu a falta dele, na omissão do pai que tinha obrigações no âmbito familiar. A forma literária está tão unida aos temas que é preciso desvendá-la para se chegar aos conteúdos, demonstrando assim, a atualidade do autor frente à complexidade com que manipula os aspectos formais da linguagem imbricados às temáticas. Isto posto, a “Declaração”, título do conto, não é apenas da personagem-protagonista e do autor implícito, mas também dos leitores que, sensibilizados, certamente não continuarão na indiferença.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo da consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FREIRE, Marcelino. **Amar é crime**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Marginalidade, corpo, subalternidade, Evel Rocha e Marcelino Freire: à margem da margem. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 22, 43-54, Dez/2012.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TENFEN, Maicon. **Breve estudo sobre o foco narrativo**. Blumenau: EDIFURB, 2008.